

ajudando-a a crescer até à dimensão de Jesus Cristo, a começar especialmente pelas pessoas mais necessitadas.

De tudo isto nos fala o silêncio de Maria, com a alma trespassada de dor, enquanto Jesus agoniza no Calvário.

Os Papas

(de **Pedro ao Papa Francisco**)

“Inocêncio III” (1198 – 1216)

Inocêncio III foi dotado de um espírito lutador e sagaz, apesar de deter uma saúde frágil, privilegiou a sabedoria universal, possuindo também uma ideia concreta e própria da Igreja e do papado. Como tal, foi considerado um dos papas que mais enaltecera a Cristandade medieval.

A ascensão de Inocêncio III ao trono pontifício aconteceu numa altura em que se verificavam profundas controvérsias sobre o papel político da Igreja. Na linha política inaugurada pelo Papa Gregório VII, o Sumo Pontífice reafirmou a teocracia pontifícia, que defendia que o poder do Papa era superior a qualquer outro poder terrestre. Inspirado naquela doutrina, Inocêncio III reforçou a sua influência em Roma e além-fronteiras, considerando que tinha o direito de intervir em tantos assuntos políticos quantos os que considerasse necessários.

Como tal, as decisões tanto políticas como religiosas do Papa eram supremas. Interveio energicamente nas eleições episcopais e impôs que os soberanos não seriam legítimos perante a Cristandade se não tivessem sido investidos pelo Papa. Exerceu e estendeu, assim, o primado papal a quase todos os reinos cristãos da Europa, intervindo em muitos deles, como foi o caso de Portugal, Castela ou Aragão, por exemplo.

Escala da Semana – Leitores – 09 de Abril – Domingo de Ramos (Ano A)

Função	Missa Vespertina (Sábado)				Missa do Dia (Domingo)			
	Carvalhosa	Eiriz	Figueiró	Sanfins	Carvalhosa	Eiriz	Figueiró	Sanfins
Responsável	Luís Miguel				Luís Carlos			
Avisos	Jacinta Carneiro				Joaquim Mendes			
Admonição								
1.ª Leitura	Joaquim Martins	(A nomear na	Marta Moura	Isabel	Rui Cardoso	(A nomear na	Helena Martins	Conceição
2.ª Leitura	Paula Carvalho	reunião para a	Fernando Neto	Ricardo	Maria Guiomar	reunião para a	Manuel Bessa	Manuel
Oraç. Fiéis	João Miguel	Semana Santa)	Joana Santos	Eulália	Graça Coelho	Semana Santa)	Susana Moreira	Elsa
Ação Graças				Carla (N)				Sofia (N)
Suplente	Luís Miguel			Diana S. (R)	Luís Carlos			José (R)

Bibliografia: Bíblia Sagrada, dos Franciscanos Capuchinhos; Revista de Liturgia e Pastoral, das Edições Licel, de Braga; Almanaque Popular, das Missões e da Boa Nova; Directório Litúrgico, do Secretariado Nacional de Liturgia; Introdução Geral ao Missal Romano; Catecismo da Igreja Católica; Nova Enciclopédia Larousse, do Círculo de Leitores; Dicionário de Português Houaiss, do Círculo de Leitores, Jornal A Ordem; Jornal Voz Portucalense; O Livro do Leitor, do Secretariado Nacional de Liturgia; O Banquete da Palavra, de Fernando Armellini; Celebrações Dominicais e Festivas sem Sacerdote, de Octávio Hidaigo, C.S.S.R.; Guião das Celebrações sem a Presença do Sacerdote, da Gráfica de Coimbra; A Palavra de cada Domingo, de B.Caballero; Missal Popular Dominical e Ferial; Manual de Oração, de Ignácio Larrañaga; Outras consultas e pesquisas.

Eutanásia

Perguntas e Respostas

18 – Quais serão as consequências sociais da legalização da eutanásia?

A mensagem que, através da legalização da eutanásia e do suicídio assistido, assim se veicula tem graves implicações sociais, que vão para além de cada situação individual. Esta mensagem não pode deixar de ter efeitos no modo como toda a sociedade passará a encarar a doença e o sofrimento.

A queda de um interdito fundamental (“não matar”) que estrutura, como sólido alicerce, a vida comunitária, não pode deixar de afetar a confiança no seio das famílias, entre gerações, e na comunidade em geral.

Há um sério risco de que a morte possa ser encarada como resposta à doença e ao sofrimento, já que a solução não passaria por um esforço solidário de combate a essas situações, mas pela supressão da vida da pessoa doente e sofredora, pretensamente diminuída na sua dignidade. É mais fácil e mais barato. Mas não é humano! Neste novo contexto cultural, o amor e a solidariedade para com os doentes deixarão de ser encorajados, como já têm alertado associações de pessoas que sofrem as doenças em questão e que se sentem, obviamente, ofendidas quando vêm que a morte é apresentada como “solução” para os seus problemas. E também é natural que haja doentes, de modo particular os mais pobres e débeis, que se sintam socialmente pressionados a requerer a eutanásia, porque se sentem “a mais” ou “um peso”.

É este, sem dúvida, um perigo agravado num contexto de envelhecimento da população e de restrições financeiras dos serviços

de saúde que implícita ou explicitamente se podem questionar: para quê gastar tantos recursos com doentes terminais quando as suas vidas podem ser encurtadas?

Continua ...

(Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa)

De Parabéns...

Esta semana, estão de parabéns, pelo seu aniversário natalício, os seguintes Leitores:

– Dia 9 de Abril, hoje, Domingo, **Maria Guiomar**, da Paróquia de Carvalhosa, que acumula também outras funções, como Catequista, Diretora do Centro Social, iniciando brevemente a sua formação para MEC – Ministro Extraordinário da Comunhão.;

– Dia 10 de Abril, amanhã, segunda-feira, **Cátia Vanessa**, da Paróquia de Eiriz;

– Dia 15 de Abril, próximo Domingo, **Pedro Sousa**, da Paróquia de São Pedro de Sanfins de Ferreira.

À Guiomar, à Cátia e ao Pedro, o Jornal do Leitor deseja-vos muitas felicidades.

Humor

O juiz pergunta ao réu:

– O senhor tem advogado?

– Não, senhor doutor, nem quero!

– Mas porquê? Qual é o motivo da sua recusa?

– Ora, senhor doutor juiz, porque depois tenho que dividir o roubo com ele!

A Fechar

Quando os que mandam perdem a vergonha, os que obedecem perdem o respeito.

(Georg Lichtenberg)

Jornal do Leitor

Domingo de Ramos na Paixão do Senhor

A Liturgia do Domingo de Ramos na Paixão do Senhor é como drama em dois actos: entrada triunfal do Messias anunciado pelos profetas, acontecimento em que os jovens ocupam lugar destacado; e a Paixão do Senhor descrita com realismo sempre impressionante. É o pórtico solene da Semana Maior que agora começa.

Há, na entrada triunfal, uma antecipação profética da glorificação futura da Ressurreição a qual não segue os planos dos homens, mas passa pelo mistério da Cruz.

1.ª Leitura (Is 50, 4-7)

Monição:

Com um realismo que nos impressiona sempre, o profeta Isaías, à distância de mais de meio milhar de anos, fala-nos da Paixão do Senhor com um realismo impressionante. A Paixão de Cristo não apareceu por acaso, nem foi uma derrota. É um dos caminhos desconcertantes do fracasso que Deus segue na salvação dos homens.

Leitura:

Leitura do Livro de Isaías

4O Senhor deu-me a graça de falar como um discípulo, para que eu saiba dizer uma palavra de alento aos que andam abatidos. Todas as manhãs Ele desperta os meus ouvidos, para eu escutar, como escutam os discípulos. **5**O Senhor Deus abriu-me os ouvidos e eu não resisti nem recuei um passo. **6**Apresentei as costas àqueles que me batiam e a face aos que me arrancavam a barba; não desviei o meu rosto dos que me insultavam e cuspiam. **7**Mas o Senhor Deus veio em meu auxílio, e por isso não fiquei envergonhado; tornei o meu rosto duro como pedra, e sei que não ficarei desiludido.

Palavra do Senhor.

Recomendação aos Leitores:

Esta Leitura é um poema, ou não fosse de Isaías. Portanto, deve ser proclamada como tal. Deve, naturalmente, ser cuidadosamente preparada, e exercitada alguma palavra que aches mais difícil de pronunciar.

Comentário:

O texto é tirado do II Isaías e corresponde aos primeiros 4 v. do 3.º poema do Servo de Yahwéh (Is 50, 4-9). Quem está a falar parece ser o próprio servo, embora não seja aqui nomeado, mas é o que se deduz do contexto imediato deste canto (v. 10). De qualquer modo, considera-se como a figura profética de Jesus Cristo. O texto consta de três estrofes iniciadas com a mesma fórmula (*que a tradução não respeitou*): «O Senhor Deus»; na primeira sublinha-se a docilidade de discípulo; na segunda, o sofrimento que esta docilidade acarreta; na terceira, a fortaleza no meio das dores.

V. 4 Apresenta-se «a falar como um discípulo», embora não se trate de um discípulo qualquer; é um discípulo do Senhor (cf. Is 54, 13), instruído pelo próprio Deus, tal como dirá Jesus: «a minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou» (Jo 7, 16; cf. 14, 24).

V. 5 «Não resisti nem recuei». Mesmo os maiores profetas e os maiores santos tiveram a consciência clara de opor alguma resistência, embora sem qualquer rebeldia, à acção de Deus, como Moisés e Jeremias (cf. Ex 3, 11; 4, 10; Jer 1, 6). Jesus, porém, identifica-se plenamente com a vontade do Pai (cf. Jo 4, 34; Lc 22, 42).

V. 6 «Apresentei as costas àqueles que me batiam... não desviei o rosto daqueles que me insultavam e cuspiam». Os evangelistas hão-de deixar ver como o pleno cumprimento deste hino profético se deu no relato da Paixão do Senhor, particularmente Mt 26, 67; 27, 26-30; Mc 15, 19; Lc 22, 63-64...

Visita-nos

www.paroquiascesf.com

Jornal Inter-paroquial

Carvalhosa - Eiriz - Figueiró - Sanfins

jornal.leitor@portugalmail.pt

www.paroquiascesf.com

Periodicidade: semanal

N.º 445 – Ano VIII – 09-04-2017

Domingo de Ramos – Ano A

Salmo Responsorial

SI 21 (22), 8-9.17-18a.19-20.23-24 (R. 2a)

Monição:

O Salmo de meditação foi rezado por Jesus Cristo na Cruz, momentos antes de entregar a alma ao Pai.

Termina com uma expressão de esperança. O nosso Deus não perde batalhas.

Refrão:

MEU DEUS, MEU DEUS,
PORQUE ME ABANDONASTES?

Todos os que me vêem escarnecem de mim, estendem os lábios e meneiam a cabeça: «Confiou no Senhor, Ele que o livre, Ele que o salve, se é seu amigo».

Matilhas de cães me rodearam, cercou-me um bando de malfiteiros. Trespassaram as minhas mãos e os meus pés, posso contar todos os meus ossos.

Repartiram entre si as minhas vestes e deitaram sortes sobre a minha túnica. Mas Vós, Senhor, não Vos afasteis de mim, sois a minha força, apressai-Vos a socorrer-me.

Hei-de falar do vosso nome aos meus irmãos, hei-de louvar-Vos no meio da assembleia. Vós, que temeis o Senhor, louvai-O, glorificai-O, vós todos os filhos de Jacob, reverenciai-O, vós todos os filhos de Israel.

2.ª Leitura (Fl 2, 6-11)

Monição:

O texto da carta de São Paulo aos cristãos de Filipos é uma proclamação da humildade de Cristo, especialmente manifestada na Sua Paixão. Terá sido, possivelmente um hino cantado nas comunidades primitivas de cristãos e que pode ser tema da nossa meditação frequente.

Leitura:

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Filipenses

6Cristo Jesus, que era de condição divina, não Se valeu da sua igualdade com Deus, **7**mas aniquilou-Se a Si próprio. Assumindo a condição de servo, tornou-Se semelhante aos homens. Aparecendo como homem, **8**humilhou-Se

ainda mais, obedecendo até à morte e morte de cruz. ⁹Por isso Deus O exaltou e Lhe deu um nome que está acima de todos os nomes, ¹⁰para que ao nome de Jesus todos se ajoelhem no céu, na terra e nos abismos, ¹¹e toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.

Palavra do Senhor.

Recomendação aos Leitores:

Tal como a 1.ª Leitura, esta é também um poema. Deves prepará-la e proclamá-la como tal. Exercita alguma palavra que aches mais difícil de pronunciar, tais como: aniquilou-Se (o “u” também se lê “qui” e não “qi”) / e outras.

Comentário:

A leitura constitui um admirável hino à humilhação e exaltação de Cristo, um hino que muitos exegetas pensam ser anterior ao deste escrito paulino; é a mais antiga confissão de fé explícita na divindade de Cristo que consta dos escritos do Novo Testamento.

V. 6 «De condição divina». Literalmente: «*existindo em forma de Deus*». Ora esta *forma (morfê)* de Deus, ainda que não significasse directamente a natureza divina, pelo menos indicaria a glória e a majestade, atributos especificamente divinos na linguagem bíblica. De qualquer modo, como bem observa Heinrich Schlier, a expressão *em forma de Deus* não quer dizer que Deus tenha uma forma como a têm os homens, mas significa que Jesus «tinha um ser como Deus, um ser divino».

«Não se valeu da sua igualdade com Deus». Há diversas possibilidades de tradução desta rica expressão, segundo se considerar o termo grego *harpagmós* em sentido activo (*roubo*), ou em sentido passivo (*coisa roubada*). A Vulgata traduz: «não considerou uma usurpação (*rapinam*) o ser igual a Deus» (*sentido activo*). Segundo a interpretação dos Padres Gregos, a que se ateve a nossa tradução litúrgica (*sentido passivo*), teríamos: «não considerou como algo cobiçado (*harpagmón*) ... Há quem pense que São Paulo quer fazer ressaltar o contraste entre a atitude soberba dos primeiros pais (Adão e Eva) que, sendo homens, quiseram vir a ser *iguais a Deus* (cf. Gn 3, 5.22), e a atitude humilde de Jesus que, sendo Deus, se quis fazer «*semelhante aos homens*» (v. 7).

V. 7 «Mas aniquilou-se a si próprio», à letra, *esvaziou-se*: Jesus Cristo, ao fazer-se homem, não se despojou da natureza divina, mas sim da glória ou manifestação sensível da majestade que Lhe competia

em virtude da chamada união hipostática (*na pessoa do Filho eterno de Deus, a natureza humana e a natureza divina unidas numa união misteriosa*).

«Assumindo a condição de servo», o que não significa a condição social de escravo, mas a «forma» (*morfê*) de se conduzir própria de um ser pobre e dependente, cumprindo n'Ele a figura do «servo de Yahwéh», a que se refere a primeira Leitura de hoje. «*Tornou-se semelhante aos homens, aparecendo como homem*», não apenas, como queria a heresia doceta, nas aparências (*skhêmati*), mas no sentido em que o homem é «semelhante» (*en homoiómati*) dos outros homens, em tudo *igual* excepto no pecado (cf. Hebr 4, 15).

V. 8 «Humilhou-se ainda mais, obedecendo até à morte e morte de cruz». Note-se como é posta em relevo esta obediência e *aniquilamento* – a *kénosis* – de Cristo, num sublime *crecendo* de humilhação em humilhação: feito *homem*, assume a condição de *escravo*, Ele *obedece*, e com uma obediência que vai *até à morte*, e não uma morte qualquer, mas a dum malfetor, a morte *de cruz* – homem, escravo, malfetor!

V. 9-11 – Mas este aniquilamento – o tremendo escândalo da Cruz – não foi uma derrota, o humilhante desfecho dum história trágica com que tudo acabou. Temos em paralelo o sublime paradoxo da sua «exaltação»: «*por isso Deus* – não Ele próprio, mas o Pai – *O exaltou*» de modo singularíssimo, à letra, *acima* de tudo o que existe, como o sugere a preposição *hypér* na composição do verbo *hypsóein* (*exaltar*). Esta exaltação deu-se com a glorificação da humanidade de Jesus na sua Ressurreição e Ascensão. A esta sublime exaltação corresponde o «*Nome*» que Lhe é dado por Deus, o mesmo nome com que passa a ser invocado pela multidão de todos os crentes em todos os tempos. Com efeito, já não se trata do simples nome de Jesus, um nome corrente com que era tratado na sua vida terrena e que consta da sentença que o condenou à morte de cruz, nem apenas o título da sua condição messiânica, «*Cristo*», pois o nome que agora Lhe compete é o mesmo nome com que o próprio Deus é designado no Antigo Testamento: «*Kyrios-Senhor*», nome divino, como consta da tradução grega de «*Yahwéh*». Desde agora, a todos pertence proclamar e reconhecer a divindade de Jesus – «*toda a língua proclame que Jesus Cristo é Senhor*» (*mais expressivo sem artigo, como no original grego*) – e o seu domínio sobre toda a criação, a saber: «*no céu, na terra e nos abismos, para glória de Deus Pai*» (A *tradução da velha Vulgata neste ponto era*

pouco expressiva e deficiente: «que o Senhor Jesus Cristo está na glória de Deus Pai»).

Independentemente da discussão acerca do aniquilamento de que aqui se fala, se ele visa ou não directamente o mistério da Incarnação, fica bem claro que Jesus não é um simples servo do Senhor que vem a ser exaltado por Deus, pois Ele é Deus que se abaixa e depois vem a ser exaltado. Também fica patente que a fé na divindade de Jesus não é o fruto dum elaboração teológica tardia, pois a epístola é, quando muito, do ano 62, se não é mesmo de cerca de 55/56 (*data mais provável*), e, como dissemos, estes versículos fariam parte dum hino litúrgico a Cristo, anterior à epístola.

Aclamação ao Evangelho

(Fl 2, 8-9)

Monição:

Com profundo respeito e alegria contida, aclamemos o Evangelho da Paixão de Cristo que vai ser proclamado para nós. A morte de Cristo não é uma desgraça, uma derrota, mas um triunfo do Seu Amor por nós.

Refrão:

LOUVOR A VÓS, JESUS CRISTO, REI DA ETERNA GLÓRIA

Cristo obedeceu até à morte e morte de cruz. Por isso Deus O exaltou e Lhe deu um nome que está acima de todos os nomes.

Evangelho (Mt 26, 14 – 27,66)

Aos Leitores:

Este Evangelho da Paixão do Senhor, não é publicado neste espaço, devido a ser bastante longo e ocupar muito espaço. No entanto, ao Leitor, só lhe faz bem recordar o seguinte:

A leitura deste Evangelho da Paixão do Senhor, faz-se sem círios nem incenso, sem saudação nem signação do livro.

É lida pelo diácono ou, na falta dele, pelo próprio sacerdote. Também pode ser lida por Leitores, (*lida a três*) reservando, quando possível a parte de Cristo ao sacerdote.

Só os diáconos (*e não os outros*) antes da leitura da Paixão, pedem a benção ao sacerdote, como de costume antes do Evangelho.

Quando lida a três, desnecessário será lembrar que deve ser cuidadosamente preparada. Recomenda-se que haja vários ensaios, de modo que a proclamação da Paixão do Senhor seja uma séria motivação para a vivência da Semana Santa. Sabemos que improvisar nem sempre dá bons resultados. Os Leitores deverão ser escolhidos para **‘N’** (*Narrador*); para **‘R’** (*Resposta*); o **‘J’** (*Jesus*) é reservado ao sacerdote, como se disse.

Oração Universal (1)

- Pela santa Igreja, seus ministros e fiéis, para que, vivendo na fé o mistério da Paixão, recolham da árvore da cruz o fruto da esperança, **oremos, irmãos.**
- Pelos ateus e pelos cristãos sem fé, para que, à semelhança do centurião do Evangelho, descubram em Cristo crucificado o Filho de Deus, **oremos, irmãos.**
- Pelos que fazem as leis e julgam os homens, para que defendam os inocentes e os oprimidos e restabeçam o direito e a verdade, **oremos, irmãos.**
- Pelos doentes, os moribundos e os agonizantes, para que sintam junto de si o Salvador, que nas mãos do Pai entregou o seu espírito, **oremos, irmãos.**
- Por todos nós e pela nossa comunidade paroquial, para que, unidos à paixão e morte do Redentor, sejamos conduzidos à glória da Ressurreição, **oremos, irmãos.**

Oração Universal (2)

- Por aqueles que são traídos no seu amor, **oremos a Jesus, entregue por um dos Doze.**
- Por aqueles a quem ninguém reconhece a sua dignidade, **oremos a Jesus, coberto de injúrias e sarcasmos.**
- Por aqueles que são esmagados pela miséria e torturados, **oremos a Jesus, que foi preso e maltratado.**
- Pelos que sofrem a doença e pelos moribundos, **oremos e Cristo, agonizante sobre a cruz.**
- Pelos que lutam pela justiça e pela verdade, **oremos a Jesus, que morreu inocente.**
- Pelos que já não têm mais esperança nesta vida, **oremos a Jesus, que ressuscitou e está vivo para sempre.**

A obediência, caminho do nosso resgate

A profecia de Isaías, proclamada como 1.ª Leitura, coloca-nos perante um texto escrito seis séculos antes da vinda de Cristo, que anuncia com impressionante realismo a Paixão de Jesus.

Deus capacita o Seu Servo para cumprir a sua missão como consolador dos abatidos pelo sofrimento. O *Senhor deu-me a graça de falar como um discípulo, para que eu saiba dizer uma palavra de alento aos que andam abatidos.*

Hoje é o Dia Mundial da Juventude

Atenção à vontade de Deus

O Servo do Senhor, de que nos fala a 1.ª Leitura, está permanentemente à escuta do que Deus lhe manda, disposto a executar fielmente a Sua vontade, mesmo que isto lhe acarrete dores e ultrajes. *Todas as manhãs Ele desperta os meus ouvidos, para eu escutar como escutam os discípulos.*

Pode ensinar-nos e animar-nos a levar a Cruz da vida, porque vai á nossa frente com uma que é imensamente mais pesada.

Aceita a cruz com generosidade, sem lhe fazer descontos: *eu não resisti nem recuei um passo.*

Enfrenta-a com coragem: *Apresentei as costas àqueles que me batiam e a face aos que me arrancavam a barba.*

O primeiro pecado – como todos os que se cometem no mundo – foi de desobe-diência à vontade de Deus.

Cristo Jesus redime-nos da escravidão do pecado por uma docilidade generosa à vontade do Pai.

o Senhor nunca nos desampara

No entanto, a Liturgia coloca em nossos lábios o salmo 21, oração de um pobre abandonado e triste, o mesmo que Jesus Cristo rezou na Cruz, na tarde de Sexta-Feira Santa.

Esta oração exprime, sem dúvida, sentimentos de aflição e dor, mas também a nossa confiança ilimitada no Senhor. É a voz dum filho que desabafa com o Pai, com a esperança de receber consolação.

É uma oração para rezarmos especialmente naqueles momentos em que a cruz se torna mais pesada, quer em si mesma, quer pela incompreensão dos que mais nos deviam ajudar: *Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes?*

o Filho de Deus reduz-Se à condição de servo

Canta-se o mistério da Encarnação, recordando algumas verdades fundamen-tais: a existência divina de Cristo; o ocultamento da Sua glória na fraqueza da

condição humana; a Sua humilhação suprema – descendo quase abaixo da nossa dignidade – para nos servir, terminando na morte da Cruz. Mas o Pai acaba por glorificá-l'O com a Ressurreição gloriosa.

Por isso, todas as gerações aclamaram e hão-de aclamar Jesus Cristo torna-se o único Salvador do mundo, ontem, hoje e sempre.

As nossas perguntas

As nossas perguntas sobre a Paixão de Jesus. São Marcos, ao descrever-nos a Paixão de Jesus, procura responder a uma pergunta que, possivelmente, teremos feito ao Senhor, no silêncio da nossa alma: Por que motivo a nossa salvação teve de se realizar por este caminho de sofrimento?

A desobediência foi apagada pela obediência

Recebemos apenas uma resposta que exige de nós um generoso acto de fé: porque era esta a vontade do Pai.

A Paixão apresenta-se como o cumprimento das Escrituras e, portanto, como um supremo acto de obediência.

A pedagogia de Deus na Paixão de Jesus

Com algum esforço, somos capazes de vislumbrar algumas razões para este drama da Paixão: era a única linguagem que seríamos capazes de entender, para gravar na inteligência e no coração algumas verdades: a loucura do Amor de Deus por nós; a tremenda indignidade do pecado; e o valor infinito de cada pessoa humana, por mais degrada que se encontre.

Os apelos de cada Eucaristia dominical

Em cada Celebração da Eucaristia, com a renovação da Paixão e Morte do Senhor, sentimos diversos apelos: ao nosso Amor a Deus, sem limites de qualquer espécie; à disposição interior para evitar o pecado, mesmo ao preço do sacrifício da vida; à generosidade no dar a mão a cada pessoa,